

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	18.01.1974
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

VOCAÇÃO REENCONTRADA

Fundação Cuidado Criança

IMAGINE-SE alguém, em qualquer sector de actividade, que no vespeleto, ao longo dos tempos, iniludíveis provas de uma segua vocação; e que em certa altura, por largo espaço, se visse impedido de realizá-la, se visse mesmo forçado a aparentar, perante os outros, o contrário da vocação com que viera ao mundo; e que de súbito, libertando-se da «máscara» que brutalmente lhe tinham afivelado, possa finalmente reaparecer, diante de todos, com a sua autêntica expressão e pronto a retomar as tarefas interrompidas, — a retomá-las, sobretudo, de modo mais vigilante, com fé redobrada e consciência mais nítida. Imagine-se «alguém» nestas circunstâncias e aí temos, através das palavras do general Costa Gomes à Assembleia Geral da O.N.U., a imagem do Portugal de hoje.

Não há um único termo, nessa mensagem, que venha separar em vez de unir, que seja susceptível de criar dúvidas em vez de clarificar propósitos já de si límpidos, tanto na ordem interna como externa, e já anteriormente reiterados por outros responsáveis. Mas o tom geral de todo o texto, a alta representatividade de quem o proferiu, o significado do próprio lugar onde foi ouvido vieram conferir ainda, ao processo de democratização em que estamos empenhados desde 25 de Abril, aquela ampla ressonância «planetária» a que tem absoluto direito a voz libertada do Portugal de hoje.

«Voz» e «vocação»: nem sempre nos apercebemos, ou nem sequer temos consciência, de que este segundo vocábulo deriva do primeiro. Que não há, portanto, vocação livre sem voz que também o seja. E que só na medida em que implantarmos, como disse ontem o Presidente da República, «condições de vida mais iustas, com instituições democráticas pluralistas, legitimadas na vontade do povo livremente expressa», é que voltaremos a estar, efectivamente, em condições de desempenhar com plenitude, junto dos outros povos do mundo, aquela vocação humanística de universalista fraternidade a que tão pertinentemente também ele se referiu. Da «voz» livre que já temos, e do modo como a conservarmos, depende, pois, o pleno exercício desta «vocação»: vocação que foi a dos mais altos momentos do Portugal de sempre — e que enfim reencontramos no Portugal de hoje.

D. M.-F.